

TEIAS COM SABER

TERESA SOEIRO*

ANA DOLORES LEAL ANILEIRO**

Resumo: Maria José Rocha, nada e criada em meio rural, no lugar do Preisal (Fonte Arcada, Penafiel), é uma das derradeiras tecedeiras de panos de linho em tear manual, cuja excelência e dinamismo nos questiona sobre a resiliência, em novos contextos económico-sociais e sistemas simbólicos, da produção autónoma, transmissão familiar do saber e capacidade de adaptação, no século XX, de *ofícios* e modos de fazer de cariz pré-industrial. Procuramos ainda sumariar o percurso da actividade linheira em Penafiel, desde o auge no final do Antigo Regime até à obsolescência face à não industrialização e ao domínio do mercado pelo algodão e fibras sintéticas, consumo que remeteu o tecido de linho manual para a marginalidade/excepcionalidade do *artesanato*.

Palavras-chave: tecelagem do linho; tecedeira Maria José Rocha; Fonte Arcada; Penafiel.

Abstract: Maria José Rocha, born and raised in Preisal village (Fonte Arcada, Penafiel), is one of the last linen cloth weavers using a manual loom. Her excellence and dynamism led us to examine the resilience of the independent making in new social-economic contexts and symbolic systems, the transmission of know-how within a family, and the adaptability of the pre-industrial *crafts* and ways of making in the 20th century. We also sum up the progress of the flax/linen activity in Penafiel since its peak at the end of the Modern Age up to its obsolescence in view of the non-industrialization and the market dominance of cotton and synthetic fibers. The consumption of the latter confined the manual linen cloth to a peripheral/exceptional use in *handicrafts*.

Keywords: linen weaving; the weaver Maria José Rocha; Fonte Arcada; Penafiel.

* U. Porto – Faculdade de Letras/CITCEM. Email: msoeiro@letras.up.pt.

** Museu Municipal de Penafiel/CITCEM. Email: ananileiro@gmail.com.

1. TEIAS

A rotina da aprendizagem do fazer nos ofícios tradicionais marcou muitos indivíduos desde a infância/juventude, para quem o trabalho artesanal foi meio de sobrevivência e destino. Contrastam com a excepcionalidade de alguns que sobressaíram desta formatação no exercício da normalidade pela sua invulgar capacidade de criar, associando a excelência do fazer à inovação, ao empreendedorismo na organização da produção e comercialização dos produtos, à motivação para ensinar.

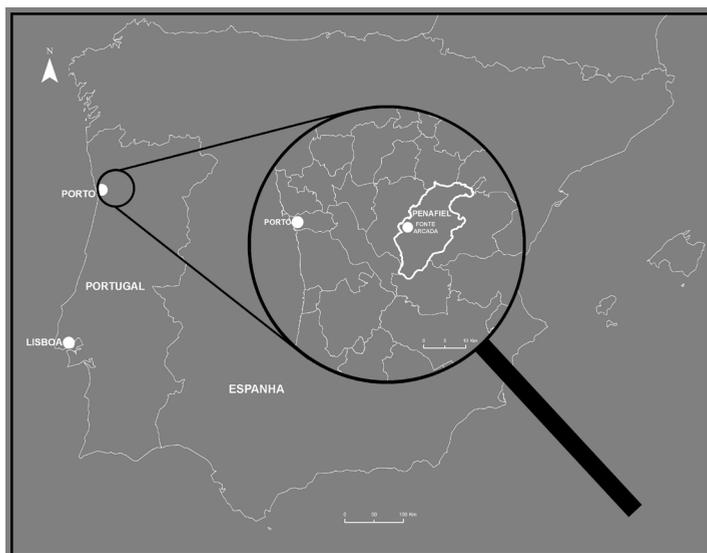


Figura 1.

Ancorámos o trabalho na observação etnográfica do percurso de vida de uma tecedeira de linho, Maria José Rocha, nascida num contexto rural da primeira metade do século XX, no lugar de Preisal, da freguesia de Fonte Arcada (Penafiel), onde cultivar e fiar eram tarefas comuns e distintivas de género na casa de lavoura, na qual existia frequentemente um tear que ocupava os braços dispensáveis da agricultura, gerando produtos básicos para auto-consumo e venda no mercado local.

Outros agregados familiares, não tendo terra suficiente, viam-se em dificuldade para criar um grande número de filhos, entregando a enculturação profissional de parte deles a terceiros, de forma a abrir-lhes melhores perspectivas de sustento no presente e de aprenderem um ofício para o futuro, colmatando necessidades da comunidade.

A tecelagem do linho¹ está, no território alvo, bem documentada desde a Antiguidade pela Arqueologia e foi especificamente regulamentada no final da época Moderna, com a aprovação pela Câmara, em 1742, do respectivo *regimento das tecedeiras*, sendo

¹ SOEIRO, 2002; ANILEIRO, 2010.

que tal regulamentação se distingue das impostas em simultâneo (alfaiates, carpinteiros, ferreiros, sapateiros, etc.), por ser a única pensada no feminino: o juiz do ofício seria uma mulher, que, como os demais, «levarão por examinarem cada official a cem reis cada Juiz, e o mesmo se praticará a respeito das tecedeiras»².

Esta estreita ligação da fiação e tecelagem ao género feminino arrasta consigo uma grande opacidade em relação às profissionais, já que a maioria das mais acessíveis fontes documentais com indicação da actividade exercida, por exemplo livros de *Ordenanças*, *Décima*, recenseamentos eleitorais, etc., foi construída em função dos homens e cabeças de casal, com uma quase invisibilização da mulher.

Outra distinção, interna ao grupo, diz respeito às qualificações, entre aquelas que apenas sabiam tecer e as mais especializadas, com acréscimo de remuneração por urdirem teias; as que o faziam para consumo familiar e por isso mesmo nos registos paroquiais figuram sob a mais prestigiante classificação de *lavradeira* ou *dona de casa* e as profissionais assumidas.

No nosso caso de estudo, dois séculos, posterior e já liberto das peias corporativas do Antigo Regime, a tecedeira, profissional, não só sabe urdir todo o tipo de teias que trabalha como o fez para outras habituadas apenas a tecer, sem o domínio daquela técnica. Mas, mais do que a capacitação para preparar o fio, urdir teias e tecer segundo o cardápio tradicional, o que realça neste percurso singular é o seu profundo entrosamento com o material e a técnica (lembrando as reflexões de Tim Ingold³), a sensibilidade para analisar a qualidade da matéria-prima, o prazer de pensar a teia a urdir e empeirar, antecipando, em abstracto, o padrão que vai resultar no tecido, fruto de cada opção, de cada gesto na distribuição dos fios e sua montagem no tear.

Admirámos também o orgulho na profissão exercida com mestria, a vontade de ensinar futuras tecedeiras, de explicar aos compradores o bem que estão a adquirir, a inquietação de transmitir e perpetuar o saber-fazer, que tão útil foi aos nossos trabalhos e ao Museu Municipal de Penafiel, pela imensa disponibilidade e generosidade ao longo dos anos.

2. LINHAS DE FORÇA DA ATIVIDADE LINHEIRA EM PENAFIEL

Vamos deixar de lado o chamado *ciclo do linho*, desde a escolha do campo para a sementeira à elaboração do fio pronto a tecer⁴. Convém, no entanto, salientar que, possivelmente pela rigidez dos contratos de aforamento e respectivas rendas, o cultivo desta planta têxtil foi prática corrente na região de Entre-Sousa-e-Tâmega até meados do século XX, quando o alógeno algodão já era aí fibra comumente usada, mesmo dominante no vestuário e atalhados.

² AMPNF – A 7: Livro de registo dos acordãos da cidade de Penafiel, 1805.

³ Em particular, INGOLD, 2013.

⁴ Para todo o processo, veja-se OLIVEIRA *et al.*, 1978.



Figura 2.



Figura 3.

A esta resiliência corresponde um saber prático bastante difundido dos vários trabalhos no campo e no tratamento a dar às palhas colhidas para as transformar em fio, tarefas que envolviam os co-residentes na casa de lavoura, ficando algumas etapas então preferencialmente a cargo dos homens, como a sementeira, ripagem ou maçagem no engenho, e muitas outras adstritas ao quotidiano feminino, de que se destacam a fiação e acabamentos do fio. Momentos havia em que estes trabalhos extravasavam a casa e se tornavam de entreajuda vicinal, colectivos e festivos⁵, como a arrinca ou as espedeladas, reforçando a solidariedade da comunidade, proximidade mais polissémica entre os jovens em idade de encontrar parceiro.

A fibra de linho de produção doméstica local resultaria do cultivo e transformação primária realizados pelo agregado, com eventual auxílio dos vizinhos para a espedelagem e assedagem. Neste estado, ficava em condições de estar guardada anos, em local seco e resguardado, até ser continuada a sua transformação.

Dependendo da quantidade de estrigas processadas e da mão-de-obra doméstica feminina dispensável da agricultura (permanente ou sazonalmente) que à fiação se pudesse dedicar, e não apenas pegar na roca ao serão, quando vigiava o gado ou no desempenho de outras actividades que deixavam as mãos livres, a passagem da fibra a fio poderia ser entregue fora, habitualmente a idosas isoladas, ou mulheres de famílias com pouca terra/rendimentos, que assim receberiam retribuição por um trabalho que as não afastava das suas rotinas⁶. A este fio acrescia, em casas de maior dimensão, o resultante das rendas dos caseiros e foreiros, em estriga ou já fiado, constituindo-se desta forma a reserva de matéria-prima para a tecelagem tradicional, um sem-número de meadas e novelos de qualidade muito díspar, não só por se tratar, naturalmente, de linho, estopa e tomentos, mas também devido à diferente capacidade técnica e empenho de quem os aprontou e à exigência do dono. Meadas de bom fiado cozidas no pote com cinzas quase uma semana e depois fortemente batidas na pedra ao serem lavadas davam como resultado um fio bem torcido e muito limpo, condição para tecer panos finos de trama apertada, muito resistentes, características que se foram perdendo na segunda metade do século XX.

⁵ OLIVEIRA, 1955.

⁶ Comparável com a situação em Guimarães: MEIRA & SAMPAIO, 1884: 41-43.

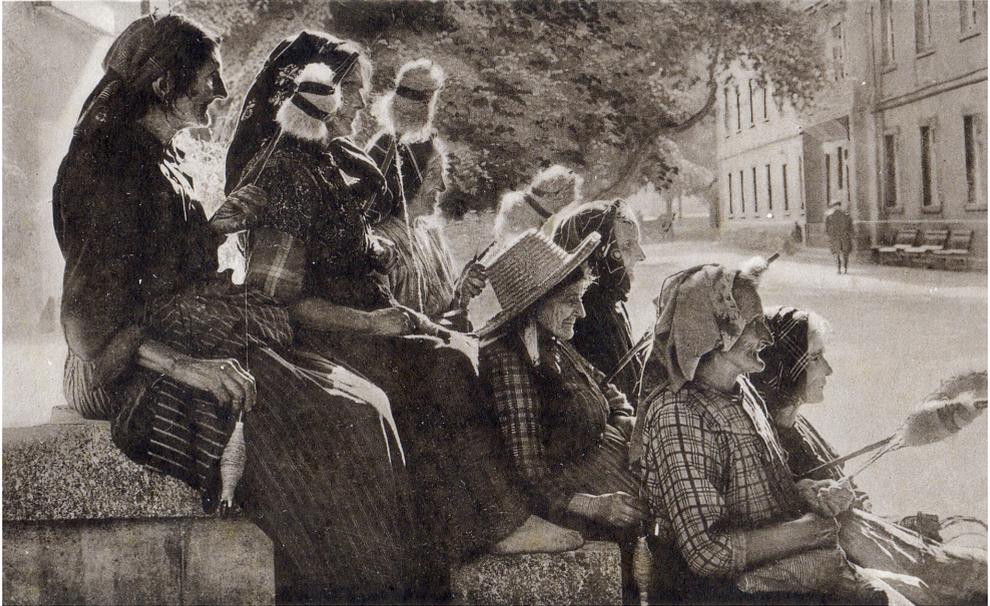


Figura 4.

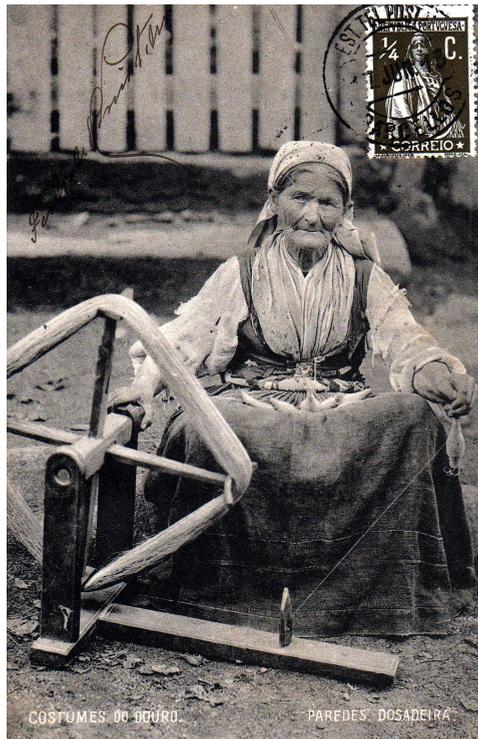


Figura 5.

Obtido o fio de linho, passamos ao tema que agora nos interessa, a tecelagem. Também esta se fazia em contextos diversificados, de que passamos a referir algumas situações exemplares. Em primeiro lugar, muitas casas de lavoura tinham tear onde se teciam os panos para uso próprio. Mais uma vez, eram as mulheres idosas e as não necessárias ao trabalho do campo, ou aquelas que o agregado isentava dos serviços *vulgares* para as preservar e valorizar socialmente, que tinham disponibilidade para tecer panos, de consumo doméstico e para acumular nas arcas ou, tratando-se das jovens, as peças do seu bragal, tendo em vista o desejado casamento.

Os excedentes, sobretudo o pano liso em peça, ficavam disponíveis a serem levados à feira para venda a consumidores e intermediários, figura referenciada, desde o século XVII, na feira de S. Martinho de Penafiel, onde as compras realizadas por estes seriam suficientemente importantes para motivarem a intervenção do Corregedor da Comarca, em 1668 e novamente em 1750, uma actuação contra as fraudes que obrigou as tece-deiras a apresentar os panos com uma vara por dobra, tendo o comprimento *que parecia* ao comprador, impossibilitado de estender toda a peça para a medir, e de qualidade uniforme, pois por vezes aparentava ser linho fino, pela observação do princípio da peça, mas depois revelava-se grosseiro no interior⁷. Os intermediários reuniam aquelas pequenas produções e com elas incrementavam o seu comércio no mercado nacional e de exportação, por exemplo com destino a Espanha e ao Brasil⁸. O numerário recebido pelos produtores ajudaria a comprar para casa bens em falta, a pagar os impostos, a entesourar para necessidades imprevistas⁹.

Em segundo lugar, tal como para a fiação, a feitura do pano era frequentemente entregue a profissionais — as tece-deiras, que se deslocavam à casa ou trabalhavam no seu domicílio, por conta de quem tinha fio, recebendo dinheiro ou uma parte da matéria-prima que, por sua vez, teciam e vendiam. Estamos a falar ainda de mulheres, disseminadas no espaço não urbano, uma vez que nos registos paroquiais setecentistas de Penafiel/Arrifana já sistematizados há apenas uma menção à profissão de tece-deira¹⁰, e no *Livro do Arruamento da Vila* (1762)¹¹ os três tecelões (1 mestre com o oficial + 1 mestre) trabalhavam seda.

⁷ AMPNF – A 2031: Livro das sentenças e capítulos das correições do Corregedor da Comarca, 1750, Dezembro, 23; ALMEIDA, 1830: 45-46.

⁸ A. L. de Carvalho (1941: 51-65) dá-nos uma imagem do volume e conflituosidade deste trato em Guimarães, no século XVII. Também em Arrifana/Penafiel esta presença esteve longe de ser pacífica, sobretudo em meados de setecentos, nas primeiras décadas que se seguiram à separação do termo do Porto. Os negociantes locais viam com maus olhos a estadia dos seus pares portuenses pelos dez dias da feira, porque se sentiam prejudicados na atividade: AMPNF – A 6: Livro das vereações da Câmara: 2 de Setembro de 1752; AMPNF – A 9: Livro dos atos de vereação da Câmara: 3 de Janeiro de 1756; IAN-TT – Desembargo do Paço: Minho, mç 6, doc. 57.

⁹ Situação próxima ao que se passou na Galiza: CARMONA BADÍA, 1990: 77ss.

¹⁰ DUARTE, 1972: 136.

¹¹ BERNARDO, 2012, vol. 2: 189 e 201.

Como recordava, nos finais do século XVIII, Manoel Joze Ferreira Grelho, penafidense transformado em empresário e industrial de estampanaria, com fábrica em Setúbal:

Penafiel, centro de importante fabrica do melhor pano de linho he a minha patria onde conheci o que he fiar, curar, dobar e tecer, e vi que muitas familias daquella terra e das vizinhas, com desenbolço de alguns tostoens para a compra do linho recebem pelo seu trabalho, depois de posto em pano, muitos mil reis, com que remedeão as suas precizoens; e aquelle modo de vida he ali tão antigo que ninguem se lembra do seu principio: todos anciozamente trabalhão pelo seu bem particular, e geralmente pelo do publico; e aquelle que parece insignificante commercio faz recolher annualmente na Provincia do Minho huma soma consideravel e concorre para a opulencia da praça da cidade do Porto¹².

Na feira de S. Martinho, no início do século XIX, negociavam-se cerca de 16.000 varas de pano de linho e estopa, no valor de 5.760\$000 réis, «cuja quantia fica nas mãos dos labradores, que vizinhão com Penafiel na distancia de duas até tres legoas»¹³, observou o académico António d' Almeida, médico do *partido* desta cidade.

Outro *memorialista* com casa nobre no concelho, o Visconde de Balsemão, reforça, na mesma conjuntura, a importância destas transacções:

dos pannos de linho da Lixa e de Penafiel que, pela sua bondade, são procurados de grandes distancias. E terião ainda mais sahida se não fossem alguns delles de dois linhos, isto he, do mar e da terra, costumando urdir com o do mar e tecer com o da terra, o que faz que o panno não tenha igual dura e mesmo não seja igual no fio e mesmo cheio de canelas e cadilhos e ourelas desiguaes¹⁴.

A propósito desta observação crítica, da tecelagem ser realizada na área de Penafiel não só com linho da terra, mas misturando-o com outro que vinha de fora — *linho do mar*, importado da Europa do Norte¹⁵ e vendido às numerosas tecedeiras (na freg. de Paço de Sousa, em 1815, eram 10% dos profissionais com ofício registado e há uma carta de exame feminina) não sabemos se através dos mesmos intermediários que recolhiam os panos, ponderamos uma terceira possibilidade de organização do trabalho, a de serem os próprios intermediários a colocar os teares ao domicílio, fornecer o fio e a

¹² AHMOP – MR 41: Estampanaria.

¹³ ALMEIDA, 1815: cap. 24 §2.º.

¹⁴ MENDES, 1980: 99.

¹⁵ Rebêlo da Costa refere, entre os produtos do Báltico importados pelos negociantes do Porto, o *linho de fiar*, que atingiu a quantidade de 144.315 quintais em trinta meses, de Julho de 1782 a Dezembro de 1784 (COSTA, 1945: 262). Na primeira metade do século XVIII, são também muitos os barcos que entram na cidade, com declaração de proveniência Riga, Hamburgo, Amesterdão, Suécia, etc, trazendo linho e estopa, fardos, sendo que vários oriundos do primeiro porto identificam apenas essa mercadoria (CARDOSO, 2003: 893-908; 953-1096).

recolher as produções para as negociarem no mercado supra-regional, ou seja, estarem as tecedeiras integradas numa rede de dependência, em *putting out system*. Não parece ter sido assim a relação, mas antes tratar-se de um exemplo de pluriactividade camponesa¹⁶, que cria espaço para a produção artesanal do tecido sendo as próprias ou a respectiva casa a possuir «os aprestes para o mesmo officio» (1801), a controlar a produção apresentada para venda e a amealhar os pequenos proveitos, *Kaufssystem*, bem estudado para a tecelagem linheira galega¹⁷. Um valor substancial ficaria, evidentemente, para o capital mercantil que conduzia os bens de e para outros círculos.

Esta dinâmica parece prolongar-se, adaptada, para as primeiras décadas de oitocentos, embora em 1829 laborasse uma pequena fábrica de tecidos de algodão na cidade, com um mestre, quatro oficiais e um aprendiz. Escoava nas feiras a sua produção de cerca de 5.000 varas de tecidos variados. Já o recenseamento eleitoral de 1836¹⁸ apenas inscreve quatro homens classificados como tecelões (2 na cidade + 1 em Pinheiro + 1 de Valpedre). Como antes, a significativa quantidade de linho vendido nas feiras proviria do trabalho feminino independente, realizado em contexto doméstico rural.

Na segunda metade de Oitocentos, a situação vai alterar-se, uma vez que a industrialização, com base no algodão, dará preferência não ao território penafidense, mas ao Porto e a outras terras, algumas bem próximas como o Vale do Ave¹⁹, onde em 1845 se instalara a fição industrial — Fiação do Rio Vizela (Negrelos, Santo Tirso). Mesmo assim, segundo o Inquérito Industrial de 1881, no concelho de Penafiel haveria ainda 400 a 500 teares para linho em laboração:

os teares formam officinas que tecem por conta propria vendendo os pannos e alimentando um commercio ainda relativamente importante, embora decadente. A produção industrial póde orçar-se em 3 a 4:000 teias ou peças de 19 a 20 metros, cujo valor médio é de 5\$000 teia. A exportação de agora destina-se principalmente ao Porto e a Lisboa, tendo-se extinguido, não se sabe porque motivos, a exportação que se fazia para Hespanha até ha 10 ou 15 annos²⁰.

Entre as últimas décadas do século XIX e a primeira metade do seguinte, Penafiel não reconverteu a sua tradição têxtil para indústria algodoeira, nem sequer acompanhou as tentativas de mecanização no subsector do linho, como fez Guimarães²¹, embora o contínuo estreitamento do mercado para estes produtos se tornasse irreversível, com

¹⁶ DOMÍNGUEZ MARTIN, 1995: 98ss.

¹⁷ CARMONA BADÍA, 1990: 94.

¹⁸ AMPNF – A 1590 a 1621 Livros de recenseamento... para a eleição de deputados, 1836.

¹⁹ ALVES, 1999 e 2002.

²⁰ *Relatorio*, 1881: 44-45. No recenseamento eleitoral de 1879, os tecelões inscritos eram 23, distribuídos por oito freguesias, havendo na cidade 4: AMPNF – A 1633 a 1641 Cadernos de recenseamento, 1879.

²¹ Como anunciado no Relatório da exposição de 1884: MEIRA & SAMPAIO, 1884: 45-54; ALVES, 2002.

raras e limitadas tentativas de reversão em tempo de guerra e pretendida autarcia²². Comparando duas contabilizações da área dedicada à cultura do linho em Portugal, realizadas em 1871 e 1941, verifica-se uma redução drástica no intervalo destas sete décadas, sendo 15 vezes inferior (6,68%) na segunda data²³.

Sem renovação, em Penafiel sobreviveram os velhos teares de produção artesanal em contexto rural, que ainda chegaram à viragem para o novo milénio. O inquérito *Artes e Ofícios Tradicionais*, efectuado em 1988 por iniciativa do Ministério da Educação, arrolou 44 tecedeiras, das quais 26 a trabalhar linho, número significativo, porém, entretanto, muito reduzido. As resistentes tecem frequentemente fio saído do fundo das arcas, de que só um olhar experiente e uma mão treinada sabe avaliar a qualidade e estado de preservação. Para complementar esta reserva, levada pelo encomendador da obra ou, tantas vezes, adquirida pelas tecedeiras a preço avultado, estas recorriam à aquisição de fio de linho industrial da Companhia de Fiação de Torres Novas (fund. 1845), mas também ela encerrou. Poucos são os estabelecimentos, como a Casa Oliveira, no Arco de Baúlhe, onde hoje as profissionais podem obter as bobines de fio de linho industrial, que cruzam com o *da terra*, e nós, consumidores, comprar panos de linho a metro ou trabalhos de mestras desta arte.

3. MARIA JOSÉ ROCHA, A MESTRIA DO TECER

Também preferimos a designação de mestres ou artistas para os de excelência, não a de artesãos. Estão na sequência das antigas artes e ofícios mecânicos que, na documentação escrita, conhecemos melhor nos centros urbanos, onde ficavam sujeitos à organização e vigilância das corporações, particularmente actuantes em Portugal durante o Antigo Regime. Penafiel não foi excepção, logo que se criou a administração municipal, esta tratou de regulamentar os ofícios, e entre eles o de tecedeira.

Voltamos a este marco para fazer a ponte com o caso de estudo, salientando a prevalência dos panos lisos, do mais fino lenço à vulgaríssima estopa grossa, sendo pouca a variedade de texturas e padrões. Especifica-se as *toalhas de olhos delgados*, que além de decorativas tinham uma especial carga simbólica, pois até ao século XX (ou XXI?) foram indispensáveis a determinadas benzeduras e para *talhar* maleitas. Por outro lado, sublinhamos a circunstância de se pagar à parte o trabalho de urdir fora.

²² Desde o século XIX que o linho foi preterido, para uso quotidiano, face ao algodão industrial, tornando-se numa actividade condenada à obsolescência (GERALDES, 1913). Sobre a tentativa de fazer ressurgir o têxtil-linho, veja-se as experiências realizadas no início dos anos 40: GRAÇA, 1943.

²³ MARTINS, 1944: 33-34.

Regimento das Tecedeiras [1742]

As tecedeiras desta Villa e seu termo que fizerem teias de panno de linho fino de marca que passe de setenta linhois se avira com o dono conforme o fio e coalidade delle que sendo athe setenta linhois levará a tecedeira por vara trinta reis	30
e sendo de setenta para baixo por vara vinte e sinco reis	25
De pano de lenços a vara a vinte reis	20
Como tambem a estopa fina a vinte reis por vara	20
As toalhas de olhos delgados de estopa por vara a corenta reis	40
e sendo groças a trinta reis	30
A estopa liza groça por vara a quinze reis	15
Averão as tecedeiras de merenda pello trabalho de urdir as teias por cada ramo de coatro varas sendo panno de linho quinze reis	15
e pella estopa des reis por ramo	10 reis ²⁴



Figura 6.

²⁴ AMPNF – A 4: Livro de registo dos acórdãos e mais coisas pertencentes à Câmara, 1741-1746.

Maria Rocha, a avó materna de Maria José Rocha, nasceu no lugar do Preisal a 17 de Abril de 1873, sendo filha de João da Rocha, lavrador, de Fonte Arcada, e de Joaquina Ferreira, lavradeira, natural de Cête (Paredes)²⁵. Residiu no Preisal, onde um proprietário da mesma freguesia de Fonte Arcada teria comprado habitação para criarem os filhos, nascidos fora de casamento. Com poucos recursos, era tecedeira de pano liso grosso e mantas de tiras, o mais básico trabalho do tear, feito em muitas casas para aproveitar a roupa velha que, passada a tiras, podia ser tecida com fio grosso de estopa ou tomentos, obtendo-se as coberturas para o leito.

Da geração seguinte sobreviveu Laurinda, nascida a 29 de Março de 1904 e apadrinhada pelos tios maternos, Tomás e Laura²⁶. Continuou a morar na casa que fora da progenitora, cedo falecida (1931/07/08), não casou, viveu sempre do tear, sabia bastante mais do que ela, trabalhava bem o linho e tinha uma competência pouco vulgar, urdia e carregava qualquer tear para os diversos trabalhos. De saúde muito débil por ter sofrido grave doença quando as duas filhas ainda estavam na infância, apesar das sequelas e fortes limitações criou-as com o seu ofício. Uma que detestava o tear, a outra — Maria José (nasc. 1937/03/03), sonhava com ele, de tal forma que em criança, quando regressava da escola primária e a mãe não estava em casa, gostava de experimentar tecer. Ainda sem a altura nem o peso necessários, metia-se no tear, mas precisava de carregar com o dois pés num só pedal para o fazer baixar, depois colocava sobre ele pedras e trepava às traves para empurrar a lançadeira e bater o pente, antes de se colocar sobre o outro pedal e repetir a operação. O resultado inevitável era estragar o trabalho da mãe e sofrer as consequências. Ela teria de desmanchar tudo para recuperar o fio e seguir a tecelagem. Mas assim foi interiorizando o saber, para lá das palavras e explicações, a ver fazer, a experimentar, a adaptar o corpo ao gesto ainda sem ritmo, a afinar a sensibilidade para fios e texturas.

Completada a escola primária — e Salazar decidiu que três anos era instrução suficiente para as meninas —, foi aos onze anos servir numa casa de família no Porto, que deixou com treze, quando já ganhara estatura. No regresso, a sua prova de fogo, a ver se perdia o vício do tear, sugeriu-a a irmã: completar uma teia velha de manta de retalhos urdida a tomentos, o pior fio, que estava constantemente a rebentar. Perseverou e cumpriu, a mãe agradeceu a colaboração e aos catorze anos pô-la a tecer mantas com teia de algodão, que se faziam bem.

Em períodos de menos pedidos, também teceram peças de entretela no tear do linho, que seguiam para acabamento em calandra no Porto ou em Avintes. O aspecto mais difícil e desagradável destas empreitadas residia na preparação do fio com a matéria-prima que chegava pelo comboio, o pêlo de cabra e a crina de cavalo carregados de

²⁵ PT-ADPRT-PRQ-PPNF12-001-0011, fl. 43.

²⁶ PT-ADPRT-PRQ-PPNF12-001-0017, fl. 27.

cal para desinfetar. A memória da repugnância ficou gravada, mesmo a fiar linho de casa fá-lo com uma malga de água ao lado, não leva os dedos ou o fio à boca para recolher a saliva como era uso corrente.

Aquele trabalho rotineiro de tecer mantas, que para muitas tecedeiras foi o único que repetiram toda a vida, cedo deixou insatisfeita a ânsia de aprender da jovem. Logo propôs à mãe acabar uma teia de toalhas de linho com aparanchado difícil que há anos estava no tear grande, já empoeirada. A tecedeira não acreditou, mas à noite, na cama em que dormiam, lá lhe explicou como se fazia o trabalho. De manhãzinha, levantou-se animosa e desceu à loja térrea dos teares para experimentar; conseguiu avançar dois quadrados de 8x12 fios e quase nada precisou de corrigir; depois, com a autorização da progenitora, realizou o que faltava da peça. A partir daí, tecia de tudo, 10-12 horas por dia, aos quinze trabalhava mais do que a mãe que, embora *videira*, há muito perdera a saúde. Teciam para quem lhes levava o fio de linho pronto, só compravam o algodão de urdir, se fosse o caso. Isto tornou-se mais comum à medida que a reservas de linho se foram esgotando, mas já estavam habituadas a comprá-lo por causa da urdidura das mantas.

Também com a progenitora aprendeu a urdir, a calcular e preparar o necessário para carregar o tear tendo em vista determinada obra. Esta era, aliás, uma tarefa em que a mãe gastava muito tempo e energia, ia a pé a várias casas da freguesia (em Anho Bom, Barral, Casal, Eiras, Freimonde, Marmoiral, etc.) e a outras bem longe (p.e. Cête, Parada, Recarei e Sobreira, do concelho de Paredes, ou Fânzeres, de Gondomar), levando na mão a *escada* (o restilho), acompanhada por outra mulher que carregava à cabeça a teia urdida de véspera no Preisal para a irem colocar e começar o pano, porque poucas tecedeiras se atreviam a empeirar, qualquer engano inutilizaria ou pelo menos desvalorizava todo o trabalho. Com a teia instalada e a obra iniciada, o saber tecer resumia-se ao jogo dos pés nos pedais.

Laurinda ensinou o básico do ofício a muitas jovens que a rogavam, desde que tivessem tear em casa e estatura (min. 14-16 anos). Ao fim de umas horas sabiam avançar, trocar a canela na lançadeira e reparar um fio partido, mas no futuro seriam outras tantas a quem teria de carregar o tear. Um dia a filha sugeriu-lhe ser bem mais interessante se aprendessem a realizar todo o processo, permitindo-se usarem a urdiadeira no Preisal, pois não dispunham dela nas suas casas, e pedir conselho.

Maria José Rocha casou aos 23 anos e passou para outra pequena casa, próximo da mãe. Sonhou vir a construir uma nova e cómoda para a família, com loja e montra voltada à estrada, e conseguiu-o com muito trabalho e economia, em 2002. Teve onze filhos, não deixou de trabalhar senão pontualmente, nem perdeu aquela vontade de transmitir herdada do exemplo materno: todas as filhas sabem tecer, mesmo os rapazes habituaram-se a executar trabalhos, sobretudo quando adquiriu numa empresa têxtil

do Vale do Ave uns teares mecânicos com máquina, próprios para o algodão²⁷. Ensinou muita gente de fora e os organismos estatais pediram-lhe, no início dos anos Oitenta, para orientar, em casa, um curso profissional com seis formandas.

Nessa década e na seguinte, as de maior procura, chegou a coordenar a produção de vinte e duas mulheres. Solicitava a umas a preparação da fibra, a outras o fiar e curar as meadas, ela própria, as filhas e as tecedeiras que formara trabalhavam nos teares e acabamentos, ainda que pudessem desempenhar todas as demais tarefas. Mesmo vizinhas de idade adiantada, que na já longínqua infância haviam fiado, voltaram a pegar na roca para somar mais um provento à parca reforma. A fase de preparação do fio mostrou-se decisiva, correspondendo a cerca de 50% do preço final. Fiar 1kg de linho exigia uma semana com noitadas; quando chegou aos 8.000\$00 (±40€), o valor era pouco para o trabalho da fiandeira, demasiado para a tecedeira vender os ±3m de pano que rendia.

Texturas de aparanchados e tapulhos

Nº.	Ponto ou textura	Designação	Empelramento	Sequência das apanhas a pressionar com o pé
12		Aparanchado - Cordão encanastrado	Aparanchado tipo liso (ou tafetá) - um fio na 1ª liceiira, outro na 4ª liceiira, o seguinte na 2ª liceiira, e o outro na 3ª liceiira.	
13		Aparanchado - Cordão de dois traçados três vezes	Um fio na 1ª liceiira, outro na 4ª liceiira, o seguinte na 2ª liceiira, e o outro na 3ª liceiira até prefazer 8 fios e em seguida uma mão remetida na 1ª e na 4ª liceiira e a seguinte mão na 2ª e 3ª liceiira.	
14		Aparanchado - Fita de olhos sem fio a travar	Fita de olhos sem fio a travar - um fio na 1ª liceiira, outro na 4ª liceiira, o seguinte na 2ª liceiira, e o outro na 3ª liceiira até prefazer 8 fios e em seguida uma mão remetida na 1ª e na 4ª liceiira e a seguinte mão na 2ª e 3ª liceiira.	
15		Aparanchado - Fita de olhos	Fita de olhos - um fio na 1ª liceiira, outro na 4ª liceiira, o seguinte na 2ª liceiira, e o outro na 3ª liceiira até prefazer 8 fios e em seguida uma mão remetida na 1ª e na 4ª liceiira e a seguinte mão na 2ª e 3ª liceiira	

²⁷ Um destes teares em ferro fundido, fabricado, como indica a marca, na F[undição] União de Lordelo/de/ Alfredo Cardoso/Porto, integra o acervo do Museu Municipal de Penafiel, com a referência de inventário MMP-NF/1993/001332.

Pensamos, porém, que esta tecedeira se distingue verdadeiramente não apenas pela exímia mestria como executante do ofício de tecer, mas sim pela sensibilidade para os materiais, que observa e toca até perceber as suas características intrínsecas e os limites do que melhor pode realizar com tais fios. A capacidade criativa e inteligência dos meios técnicos permitiram-lhe dirigir a construção e afinar qualquer tear manual, ou mesmo interpretar os teares mecânicos, como sucedeu quando quis adaptar os de algodão para trabalharem com fio de linho industrial, replicando a muito maior velocidade/rentabilidade os aparanchados dos manuais, para o que teve de fazer o debuxo da passagem dos seus empeirados para as *tabuinhas* do tear mecânico e pô-lo a trabalhar só com quatro liços, quando o técnico afinador lhe dizia não ser possível.

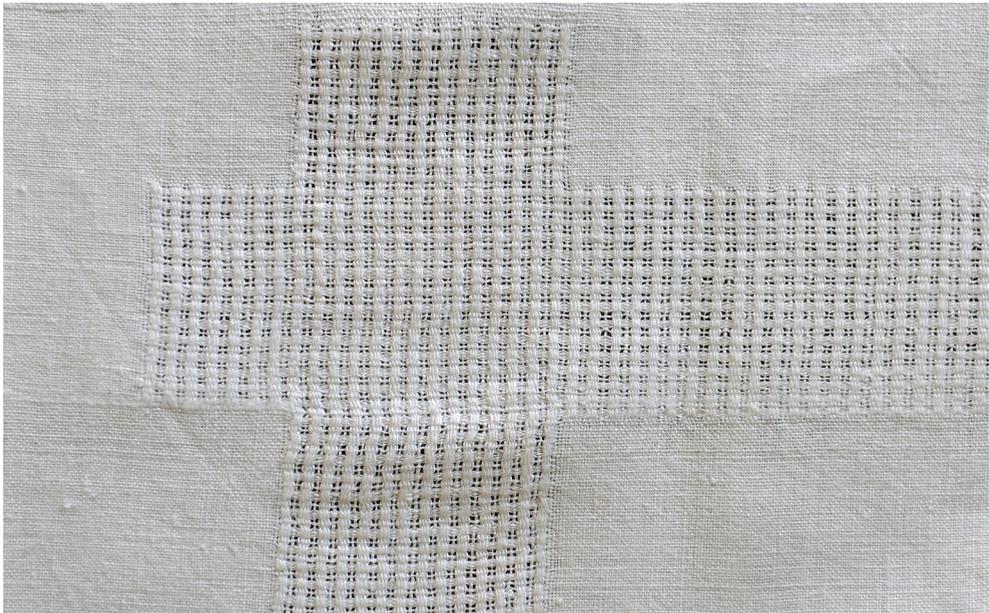


Figura 7.

A mãe contou-lhe que passara uma tarde, com outra mulher, a olhar para um tecido já gasto, do difícil aparanchado dito *sem direito*, até descobrir como o fazer, porque uma tecedeira mais velha fora soberba, recusara-se a explicar-lho (nem às filhas ensinava, só aos rapazes!). Tendo uma amostra diante, sabia sempre reproduzir. Maria José da Rocha foi além. Como a própria diz, atendendo a que dorme mal, passava a noite a imaginar, desenhava na sua mente as texturas e a composição com que inventava um padrão que nunca tinha feito ou visto. Despontando a luz do dia, metia-se no tear a experimentar, tentativa/erro, *a pensar com os olhos e os dedos*²⁸, até conseguir ultrapassar as dificuldades

²⁸ INGOLD, 2013: 111.

e corrigir quaisquer imperfeições para chegar ao resultado visualizado na sua mente. As combinações que já fez são incontáveis e difíceis de inventariar²⁹. Algumas tão subtis que ao primeiro olhar duvidamos se é um pano tecido ou bordado.

Making parece a palavra-chave para este entrosamento construído com sensibilidade, observação curiosa e persistente experimentação, saber-fazer sedimentado que molda o corpo, lhe dá ritmo e inteligência em busca de novos saberes para voltar a fazer, numa infundável interrogação sobre a especificidade profissional e o mundo.

Nas décadas de 70-90 do século XX, à medida que o pano de linho deixou de ser necessidade para o quotidiano e passou a significar distinção, prazer de possuir e mesmo memória, intrinsecamente com valor acrescentado para uma clientela conhecedora e com disponibilidade económica, a criatividade sob a capa de artesanato pôde ganhar asas. Mas, visto de onde estamos hoje, esse voo mais parece o de Ícaro. Consideramos, por isso, ser este um domínio do património cultural imaterial a carecer de registo de urgência, enquanto existem profissionais e percursos de vida desta intensidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, António d' (1815) — *Descrição Histórica e Tipografica da cidade de Penafiel. Parte 3.ª — Histórico-Física*. Lisboa: ACL – Série Azul, ms. 1774.
- (1830) — *Descrição Histórica e Topográfica da Cidade de Penafiel*. «Memórias da Academia Real de Ciências de Lisboa», tomo X, 2.ª parte. Lisboa: Academia Real das Ciências.
- ALVES, Jorge Fernandes (1999) — *Fiar e tecer. Uma perspectiva histórica da indústria têxtil a partir do Vale do Ave*. Vila Nova de Famalicão: Museu da Indústria Têxtil.
- (2002) — *O Trabalho do Linho*. In MENDES, J. A.; FERNANDES, Isabel M., coord. — *Património e Indústria no Vale do Ave. Um passado com futuro*. Vila Nova de Famalicão: Adrave, p. 292-299.
- ANILEIRO, Ana Dolores Leal (2010) — *O linho no concelho de Penafiel*. Porto: FLUP (diss. mestrado) <TESEMESANAANILEIRO000128427.pdf>.
- BERNARDO, Maria Helena Parrão (2012) — *Do lugar de Arrifana de Sousa à cidade de Penafiel. Urbanismo e arquitetura (séculos XVI-XVIII)*. Porto: FLUP (diss. mestrado).
- CARDOSO, António Barros (2003) — *Baco & Hermes: o Porto e o comércio interno e externo dos vinhos do Douro (1700-1756)*. Porto: GEHVID.
- CARMONA BADÍA, Joám (1990) — *El atraso industrial de Galicia. Auge y liquidación de las manufacturas textiles (1750-1900)*. Barcelona: Ariel.
- CARVALHO, A. L. de (1941) — *Os mesteres de Guimarães, II Estudo histórico e etnográfico do linho*. S/l.
- COSTA, Agostinho Rebelo da (1945) — *Descrição topográfica e histórica da cidade do Pôrto*. 2.ª ed., Porto: Livraria Progedior.
- DOMÍNGUEZ MARTÍN, Rafael (1995) — *El campesinato adaptativo: campesinos e mercadores en el norte de España*. Santander: U. Cantabria.
- DUARTE, Maria Celeste dos Santos Duarte de Oliveira (1972) — *A freguesia de S. Martinho de Arrifana de Sousa de 1760 a 1784* (Ensaio de demografia histórica). Porto: FLUP (diss. lic.).
- GERALDES, Manuel de Melo Nunes (1913) — *Monografia sobre a indústria do linho no distrito de Braga*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

²⁹ Um primeiro ensaio em: ANILEIRO, 2010, anexo 5.

- GRAÇA, Luís Quartim, *dir.* (1943) — *O linho em Portugal. Subsídios para o fomento da sua cultura*. Lisboa. 23 de abril de 2020.
- INGOLD, Tim (2013) — *Making. Anthropology, archaeology, art and architecture*. Oxford: Routledge.
- MARTINS, Flávio (1944) — *O linho para fibra. Sua cultura*. Porto: ed. da Empresa Fabril do Norte: Direcção Geral dos Serviços Agrícolas: Serviço Editorial da Repartição de Estudos, Informação e Propaganda, p. 33-34.
- MEIRA, J. J. de; SAMPAIO, Alberto (1884) — *Relatorio da Exposição Industrial de Guimarães em 1884*. Porto.
- MENDES, José M. Amado (1980) — *Memória sobre a província do Minho pelo 2.ª visconde de Balsemão*. «Revista Portuguesa de História», vol. 18, p. 31-109.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de (1955) — *Trabalhos colectivos gratuitos e recíprocos em Portugal e no Brasil*. «Revista de Antropologia», vol. 3, p. 21-43.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim (1978) — *Tecnologia tradicional portuguesa. O linho*. Lisboa: INIC/CEE.
- Relatorio* (1881) — *Relatorio apresentado ao Exc.º Snr. Governador Civil do Districto do Porto pela Sub-comissão encarregada das visitas aos estabelecimentos industriaes*. Porto.
- SOEIRO, Teresa (2002) — *El lino en Penafiel, Norte de Portugal. De la producción doméstica para el mercado a la desilusión industrial*. «Actes de les V Jornades d'Arqueologia Industrial de Catalunya». Barcelona, p. 341-358.

